

39º Encontro Anual da Anpocs

SPG02 Ciências Sociais e Educação: dilemas e possibilidades na produção do conhecimento

**Juventude, escola e redes de relações sociais**

Vanessa Petró (IFRS – *Campus Feliz*)

Caxambu, 2015.

## **Juventude, escola e redes de relações sociais**

Esta comunicação aborda a questão do acesso à escola a partir da perspectiva da Educação de Jovens e Adultos (EJA) – uma alternativa para aqueles jovens e adultos que não obtiveram sucesso no desenvolvimento do percurso escolar na escola regular, seja por reprovações, seja pela evasão escolar. O estudo teve como objetivo central compreender como as redes sociais operam sobre a trajetória de vida dos jovens, influenciando a continuidade dos estudos na modalidade EJA. Foram realizadas dezesseis entrevistas que retomaram as trajetórias de vida dos jovens estudantes da EJA, visando à identificação das redes de relações sociais que podem influenciar a continuidade dos estudos. Afirma-se, com base nos dados analisados, que as redes sociais influenciam a escolarização dos jovens, fazendo-os prosseguir os estudos. A partir da análise realizada, foram identificados tipos de vínculos distintos que atuam sobre as trajetórias de vida, orientando a escolarização, o que permite novas formas de socialização por meio das redes de relações sociais. Foram identificados quatro tipos de redes: orientadas por projetos, familiares, orientadas por laços de amizade e institucionais.

Palavras-chave: socialização, redes sociais, juventude, escolarização.

### **Apresentação**

A escola transformou-se em uma via de passagem obrigatória, mesmo que ainda sejam enfrentadas inúmeras dificuldades de acesso e de permanência nesse espaço. Cada vez mais é exigido um prolongamento das trajetórias escolares, bem como maiores níveis de certificação acadêmica e/ou de qualificação profissional e a educação formal ocupa um lugar central nas trajetórias de vida.

No Brasil, os indicadores educacionais apontam para a universalização do Ensino Fundamental, pois 98,4% das crianças entre 6 e 14 anos estão matriculadas nesse nível de ensino (PNAD, 2012). Entretanto, a permanência na escola apresenta-se como um problema social, sobretudo conforme a idade e os níveis de ensino vão avançando, o que implica a chegada de uma parcela insatisfatória de jovens ao Ensino Médio. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2012 indicam que, entre 15 e 17 anos de idade, a taxa de escolarização é de 84,3%. Esse índice é reduzido para 29,4% quando a idade aumenta para os 18 anos.

A evasão escolar e a reprovação são fenômenos que não podem ser esquecidos quando o assunto é a escola. Portanto, mesmo que o ingresso na escola possa ser considerado universalizado, não se pode deduzir disso que a permanência esteja garantida. Tendo em vista esse cenário formado por estudantes que não concluíram a Educação Básica, cabe aos governos projetar e implementar políticas públicas visando à reinserção de pessoas que abandonaram a escola antes de concluir a escolaridade básica. Uma das políticas públicas que objetiva atuar no sentido de aumentar a escolaridade de pessoas que deixaram a escola é a

Educação de Jovens e Adultos (EJA). A EJA “é uma oferta de educação regular, destinada àqueles que não tiveram acesso à escolarização na idade própria ou cujos estudos não tiveram continuidade nos níveis fundamental e médio, com características adequadas às suas necessidades e disponibilidades” (RIO GRANDE DO SUL, 1999).

No que se refere ao público atendido pela EJA, até uma ou duas décadas atrás era possível identificar a presença majoritária de adultos e idosos. Entretanto, atualmente os jovens se fazem mais presentes nessa modalidade de ensino, sobretudo no nível médio, constituindo o chamado processo de juvenilização da modalidade EJA (BRUNEL, 2001; CARRANO, 2007, PETRÓ, 2015). Construiu-se um cenário na realidade educacional brasileira no qual, conforme os números anteriormente citados indicam, há um grupo significativo de jovens que não consegue concluir a escolaridade básica na educação regular e ingressa na modalidade EJA.

Os jovens que atualmente estão nessa modalidade de ensino iniciaram sua vida escolar em um momento no qual já havia um conjunto de políticas públicas para o acesso à escola, ou seja, na década de 1990, e, mesmo assim, não conseguiram concluir a escolaridade básica. A EJA apresenta-se para esse público, portanto, como uma alternativa de escolarização, ainda que essa modalidade de ensino encontre também alguns dos desafios presentes na modalidade regular, tais como a interrupção dos estudos ou a evasão escolar e a reprovação.

Este estudo acrescenta um aspecto central para a compreensão dos motivos que levam os jovens a ingressar na EJA: a inserção dos estudantes em redes de relações sociais. Esse é um fator fundamental na decisão de continuar o processo de escolarização. Estudos e pesquisas nas Ciências Sociais vêm destacando aspectos relacionados às redes sociais e à importância dos laços desenvolvidos pelas pessoas no acesso aos bens (LOMNITZ, 2009; MARQUES, 2010). Entende-se por rede social as relações que conectam diferentes indivíduos, criando vínculos de diferentes naturezas (MARQUES, 2010).

Estudos já indicaram a influência da família, por meio do capital cultural, no acesso e na permanência na escola ou no desempenho escolar de crianças e de adolescentes (LAHIRE, 1997; BOURDIEU; PASSERON, 2010). Entretanto, para além das relações dessa natureza, as redes sociais nas quais os jovens estão inseridos desempenham um papel significativo, influenciando o ingresso e a permanência na EJA.

O objetivo geral que orientou este estudo foi compreender como as redes sociais operam sobre a trajetória de vida dos jovens de modo a influenciar a continuidade dos estudos na modalidade de EJA.

Este estudo é de caráter qualitativo e teve como foco de investigação os jovens que estão cursando o Ensino Médio na modalidade EJA, em Porto Alegre. A escolha por jovens do Ensino Médio decorreu do fato de que, nesse nível de ensino, estão concentrados grandes desafios relacionados à permanência na escola, o que decorre, muitas vezes, das necessidades de os jovens trabalharem, do desinteresse pela escola, de uma inadaptação do currículo em relação aos interesses dos jovens e do alcance da maioridade, o que desobriga o jovem de frequentar a escola.

O critério inicial para a seleção dos estudantes era ter idade compreendida entre 18 e 29 anos<sup>1</sup>. A idade mínima de 18 anos foi estabelecida por ser o momento a partir do qual o jovem pode fazer a matrícula no Ensino Médio na modalidade EJA, conforme a legislação vigente (BRASIL, 1996). A partir do critério idade foi considerada a diversidade existente em relação aos atributos dos jovens, especialmente o gênero e os aspectos próprios do percurso escolar – por exemplo, estudantes com trajetórias marcadas pelo abandono escolar e com ou sem reprovações.

A partir da análise das trajetórias de vida, buscou-se identificar as redes de relações sociais que poderiam interferir no retorno à escola. Portanto, foi a partir da identificação dos laços que as redes sociais de cada jovem entrevistado foram estruturadas. Procurou-se identificar os vínculos dos jovens por meio da análise das suas trajetórias de vida.

Neste estudo partiu-se da abordagem metodológica descrita por Marques (2010), pois foi realizada uma investigação – sobre o acesso ou a permanência na EJA – por meio da análise das conexões sociais presentes nas redes nas quais se situavam os jovens analisados. Foram enfocados ainda os aspectos qualitativos da análise de redes de relações sociais, a partir de redes egocentradas, enfatizando os contextos sociais e o conteúdo que estava presente em cada laço constituído a partir de perspectivas como as desenvolvidas por Passy (2001, 2003) e White (2008).

Para a identificação das redes de relações sociais, foi utilizada a técnica de informações relacionais, conhecida como gerador de nomes, na qual os dezesseis jovens entrevistados foram solicitados a destacar pessoas que tinham (ou tiveram) algum tipo de influência na sua vida, de acordo com as questões que foram propostas. Em um primeiro momento foi perguntado ao entrevistado sobre pessoas que o incentivavam ou incentivaram a retornar à escola ou a permanecer estudando. Entretanto, a tarefa de identificar as redes de influência não se esgotou com isso, pois nem sempre havia uma pessoa específica que tinha

---

<sup>1</sup> Apesar da faixa de idade estipulada, dois estudantes com idade fora dessa faixa se dispuseram a realizar a entrevista, as quais foram incluídas na análise também.

exercido esse papel. Muitas vezes, era um conjunto de influências que despertava no jovem o interesse pelos estudos. Então, em vez de solicitar ao jovem somente nomes de pessoas, optou-se por instigar o entrevistado a identificar os grupos pelos quais ele circulava, buscando desvelar os seus vínculos.

A análise da trajetória de vida do jovem, articulada ao procedimento da análise das redes sociais, visou à contextualização desse jovem no seu grupo social e naquelas redes às quais atribuía valor. Por meio disso, foi possível lançar um olhar complexo em direção à compreensão da forma como as redes operam em relação à escolarização.

### **Trajelórias escolares, socialização e redes sociais**

A família e a escola são consideradas espaços de socialização tradicionais, sendo a família a instância de socialização primária e a escola, secundária. A primeira imersão do indivíduo no mundo – a socialização primária – dá-se em um contexto específico, a partir de um conhecimento fundamentador, que é referência para a objetivação do mundo exterior e sua ordenação, que se dará intermediada pela linguagem – processo-chave da socialização primária –, pois garante a posse do eu e do mundo exterior (BERGER; LUCKMANN, 1983).

Essa concepção aponta para uma necessidade de adaptação do indivíduo à sociedade em que ele está inserido. As instituições são responsáveis por esse processo através da socialização a que o indivíduo está submetido desde o momento do seu nascimento. Durkheim, um autor clássico da sociologia e dos estudos sobre socialização, afirma que dada a primeira imersão no mundo por meio da família, a escola passa a ser uma instância socializadora (DURKHEIM, 1978).

O tema da socialização em geral e do papel da escola como espaço de socialização vem sendo discutido na sociologia da educação por outros autores, dentre eles Lahire, para quem a socialização conduz a determinadas práticas oriundas de um processo de interação.

A coerência dos hábitos ou esquemas de ação (esquemas sensório-motores, esquemas de percepção, de apreciação, de avaliação...) que cada ator pode ter interiorizado depende, por isso, da coerência dos princípios de socialização aos quais ele foi submetido. [...] Todo o corpo (individual) mergulhado numa pluralidade de mundos sociais está submetido a princípios de socialização heterogêneos e por vezes mesmo contraditórios que ele incorpora. (LAHIRE, 2003, p. 39).

O indivíduo está em contato com a formação de diferentes tipos de *habitus*, os quais não são equivalentes. Assim, há uma separação entre a socialização primária (principalmente familiar) e as outras formas, que são denominadas como socialização secundária (escola, grupo de companheiros, trabalho, etc.). No princípio da socialização, a criança incorpora o

mundo com dependência socioafetiva em relação aos adultos. Os diferentes tipos de socialização secundária, mesmo em condições socioafetivas diferentes, podem fazer concorrência ao monopólio familiar na socialização da criança e do adolescente.

Cada ator incorpora uma multiplicidade de esquemas de ação que se organizam de diferentes maneiras, conforme os contextos sociais que são distinguidos através das experiências socializadoras anteriores.

Os repertórios de esquemas de ação (de hábitos) são conjuntos abreviados de experiências sociais que foram construídos-incorporados ao longo da socialização anterior em quadros sociais limitados-delimitados, e que cada ator adquire progressivamente e mais ou menos completamente, são tantos hábitos quanto o sentido da pertinência contextual (relativa) da sua utilização (LAHIRE, 2003, p. 47).

A crítica que Lahire (2003) apresenta ao conceito de *habitus* de Bourdieu está relacionada ao fato de que não se pode considerar o indivíduo apenas a partir de um parâmetro, por um princípio de conduta. A teoria do *habitus* compreenderia de maneira unitária as dimensões relacionadas às práticas, e estas não são homogêneas. Ao contrário dessa visão, Lahire tem uma maneira plural de conceber o ator, pois nele estão condensados diversos elementos, e o ator é composto por diversidades. A análise de Lahire está voltada para a pluralidade das práticas, as quais ocorrem em contextos sociais diversificados. Quando o olhar se volta aos demais universos além do familiar, é difícil conceber coerência e harmonia em relação a ele. Isso porque as trajetórias se constroem em contextos sociais plurais, repletos de situações concorrentes e, por vezes, contraditórias de socialização.

É a partir de um olhar microssociológico que é possível observar as diferenças internas dos modos de vida, das configurações escolares e familiares, por exemplo. É a heterogeneidade das relações sociais que permite a compreensão de um ator plural, resultado de experiências de socialização em contextos sociais múltiplos e heterogêneos, pois, durante as trajetórias de vida, constantemente são ocupadas posições sociais diferentes em universos sociais variados, e isso faz com que o indivíduo esteja submetido a princípios de socialização heterogêneos e, por vezes, contraditórios (LAHIRE, 1997).

Portanto, o indivíduo não age apenas a partir de um único sistema de disposições de *habitus*. Os indivíduos têm demandas diversificadas nos diferentes espaços que ocupam (família, escola, grupo de amigos, etc.). O processo de socialização ao qual o indivíduo está submetido tem implicações na coerência dos seus esquemas de ação e nas disposições do *habitus*. É possível que o indivíduo seja socializado a partir da pluralidade e da heterogeneidade de disposições incorporadas.

O ator é produto das suas múltiplas experiências passadas, das múltiplas aquisições – mais ou menos acabadas – feitas ao longo das situações vividas anteriormente. Há

entre o ator e as situações sociais uma profunda convivência, uma espécie de comunhão natural, sendo o ator o produto da incorporação de múltiplas situações. Põe-se para ele a questão do modo de acumulação-reestruturação das experiências vividas e de atualização desse capital de experiências (incorporadas sob a forma de esquemas) em função de situações encontradas (LAHIRE, 2003, p. 73).

O processo de socialização não fica restrito à interiorização de normas (LAHIRE, 2003). O autor enfoca a sua abordagem para compreender como se organizam as relações sociais em um processo no qual os indivíduos têm acesso a um conjunto de normas e de instituições. Segundo o autor, esse processo não tem fim. Nesse sentido, estudar a socialização é estudar formas de relações sociais e suas transformações, concebendo-as como relações múltiplas, complexas e que não podem ser compreendidas fora do seu contexto.

Lahire critica as tentativas de homogeneizar a socialização.

Assinalamos, mais atrás, as dificuldades hoje encontradas pelas instituições totais que sonham com um mundo e com uma socialização homogênea numa formação social profundamente diferenciada com princípios de socialização heterogêneas. Mas existe um outro tipo de universo social, a saber, o universo profissional, e particularmente quando se trata de uma profissão dotada de um espírito de corpo, que – em limites sociais e mentais bem específicos, visto que os atores nunca são redutíveis a seu ser profissional – reproduz no próprio seio das sociedades diferenciadas condições de socialização relativamente coerente, homogêneas (LAHIRE, 2003, p. 35).

Não se pode restringir o olhar a experiências de socialização familiar, pois mesmo que elas possam parecer mais fortes, existe um conjunto de outras possibilidades – além da familiar – de socialização, o que lhe dá um caráter heterogêneo, que assim é definido, porque é resultante das redes de relações sociais.

O processo de socialização articula-se com a concepção de redes de relações sociais na construção teórica que orienta este estudo, pois a inserção dos indivíduos em redes de relações sociais e as trocas decorrentes disso representam um processo de socialização. Antes que seja especificada essa aproximação conceitual, cabe esclarecer que o conceito de rede social, da forma como entendido aqui, consiste em um conjunto de indivíduos ligados por meio de uma relação, formando um sistema de vínculos que podem ser diretos ou indiretos (STEINER, 2006).

A análise de redes de relações sociais que permite olhar para a estrutura social a partir de uma perspectiva relacional dá centralidade a um elemento básico da sociologia – a interação social. A visão relacional, nesse tipo de análise, aponta para a necessidade de se colocar em primeiro plano as relações estabelecidas, e não somente os atributos dos indivíduos. Portanto, a análise dos fenômenos constitui-se a partir do enfoque nos laços ou nos vínculos entre os indivíduos, e as ações são consideradas à medida que expressam propriedades emergentes da conexão ou ligação entre as unidades de observação. As relações

estão contextualizadas especificamente e se alteram ou desaparecem segundo determinados contextos, de tal maneira que se considera o indivíduo a partir da interação com outras partes do contexto relacional em estudo (LOZARES, 1996).

A pesquisa com o enfoque relacional está centrada na análise dos padrões de relações dos indivíduos e entidades que cercam as situações sociais. A partir de uma postura dedutiva, essa forma de análise reproduz estruturas relacionais de médio alcance e constrói um nível analítico e intermediário entre estrutura e ação social. Os indivíduos, os grupos ou as organizações estão presentes nos nós, e as relações que são estabelecidas têm sua representação nos vínculos (MARQUES, 2010).

A teoria das redes não está preocupada apenas com os fatores causais, mas com a forma como determinados fatores podem produzir seus efeitos a partir das relações estabelecidas. O enfoque nas redes concebe a estrutura social como pautas, modelos de relações específicas que ligam unidades sociais, incluindo indivíduos, à luz de suas posições variáveis dentro da estrutura social. As variáveis explicativas são as relações (LOZARES, 1996).

Marques (2010) afirma que o estudo detalhado dos padrões relacionais na sua complexidade permite a compreensão dos mecanismos que produzem as pontes em cada situação e para os diferentes grupos sociais. A partir do momento em que são compreendidas as estruturas de redes, isto é, as próprias redes, passa-se à compreensão da mobilização dessas redes na vida cotidiana dos indivíduos, pois os mecanismos sociais são capazes de explicar as questões sociais associadas à mobilização na sociabilidade cotidiana dos indivíduos.

As redes sociais são padrões complexos de relações de diferentes tipos acumuladas ao longo de trajetórias de vida e em constante transformação. Elas são heterogêneas – variam de indivíduo para indivíduo –, são intrinsecamente dinâmicas e podem ser mobilizadas por eles de diversas maneiras dependendo da situação. (MARQUES, 2010, p. 16)

A compreensão dos fenômenos a partir da noção de redes sociais aponta para uma direção importante, a qual indica que as decisões tomadas pelos indivíduos decorrem da interação com outras pessoas. As redes sociais constituem-se como um campo de relações entre os indivíduos, no qual são praticados intercâmbios (MARQUES, 2007).

As redes podem construir-se de acordo com a intensidade do intercâmbio entre seus membros e vão daquelas com uma grande participação no intercâmbio, onde existem pequenas distâncias físicas, sociais e econômicas; as outras nas quais a confiança é muito grande e a participação no intercâmbio é mínima (estas últimas são compostas por famílias vizinhas, mas sem relação de parentesco). Em situações intermediárias existem redes de parentes e vizinhos que representam um sistema de segurança vital para a sobrevivência. (LOMNITZ, 2009, p. 212).



Lomnitz apresenta três formas de intercâmbio entre os membros que compõem cada rede. São elas: a) de reciprocidade, relacionada a bens e serviços, fazendo parte de uma relação social duradoura; b) de distribuição, quando os bens estão concentrados inicialmente em um indivíduo ou grupo e c) de bens e serviços com base na demanda e sem implicações sociais de longo prazo.

Lomnitz (2009) destaca nessas formas de intercâmbio as redes de reciprocidade, as quais pressupõem confiança. Essas redes de reciprocidade podem ser baseadas no parentesco, segundo o universo empírico investigado pela autora. Entretanto, no universo dos jovens que frequentam a EJA, constrói-se a hipótese de que as redes sociais que orientam a ação – isto é, o ingresso e a permanência na EJA – não estão calcadas somente na família, mas também nas instituições com as quais os indivíduos se relacionam (escola, igreja, clubes, local de trabalho, dentre outras) e nas relações de amizade. Isso não quer dizer, contudo, que é descartada a influência das relações de parentesco.

Os indivíduos mobilizam e investem recursos pessoais e sociais ao longo de suas relações, tendo em vista o retorno que isso pode lhes trazer, inclusive as posições sociais que podem decorrer disso. Esse processo, também relacionado ao papel das redes, corresponde à obtenção de *status*. Os recursos sociais são elementos acessíveis por meio dos vínculos diretos e indiretos das redes de relações do indivíduo. Para se ter *status*, é preciso o acesso ao capital social entendido como o conjunto de recursos alcançados por determinado indivíduo por meio da sua origem, das suas redes e de acordo com a sua mobilização (MARQUES, 2010).

O caráter antropológico da concepção de Lomnitz (2009) é importante para compreender as redes sociais; a autora aponta a cultura como um elemento fundamental para a seleção daquilo que compõe as redes sociais.

Cada indivíduo conta com um estoque de relações reais ou potenciais, herdadas ou adquiridas, ordenadas como um mapa cognitivo de acordo com o que o indivíduo ou a cultura define como distância social ou confiança. O intercâmbio segue as regras culturais pertencentes às ditas classificações e à interpretação individual de confiança. A família é geralmente a base de solidariedade, posto que ela representa o grupo social do indivíduo do qual emanam muitas outras relações. [...] Em certos casos as redes se superpõem quando certos membros do grupo familiar estão unidos por sentimentos de amizade pessoal. É com base nas regras implícitas da cultura que o indivíduo vai tecendo a sua rede de solidariedade e confiança. (LOMNITZ, 2009, p. 19).

A explicação dos comportamentos requer uma análise de como os indivíduos estão conectados uns aos outros nas diversas situações.

As redes sociais são estruturas intermediárias. São importantes como pontes entre o contexto estrutural e a ação individual nas sociedades complexas. As redes representam uma estrutura micro, em um nível intermediário de abstração, entre a estrutura social macro e o indivíduo (LOMNITZ, 2006, p. 66).

A análise de redes está centrada na relação entre as unidades que nela atuam. A unidade de análise não é o indivíduo, mas o conjunto formado pelos indivíduos e os laços entre eles (GRANOVETTER, 1973). O indivíduo passa a ser considerado a partir da interação com as outras partes do contexto da rede, ou seja, não é considerado fora do contexto dessas relações. Assim, a análise de redes sociais não está simplesmente interessada em buscar fatores ou causas explicativas, mas indaga como esses fatores podem produzir seus efeitos a partir das relações que são estabelecidas (LOZARES, 1996).

Os indivíduos têm uma posição diferenciada na organização da rede de acordo com o tipo, o nível ou a quantidade de recursos que possuem (o que está relacionado ao capital social); conforme a direção – vertical ou horizontal – do intercâmbio dos recursos e de acordo com a maneira como ocorre a articulação com quem controla os recursos – formal ou informal. Cada indivíduo representa um nó no entrelaçamento social, e todos esses elementos apontados determinam as características desse nó. Isso significa que a coesão da rede social na qual os jovens participam e o potencial de influência que ela terá sobre o processo de escolarização está relacionado às características (tipo, nível, quantidade, direção e articulação) dos laços que formam as redes sociais, bem como dos recursos que circulam nessas redes.

Os vínculos nas redes podem ocorrer a partir de recursos materiais (dinheiro, mercadoria) ou imateriais (afeto, informações, ideias). As naturezas desses laços podem ser de intensidades diferenciadas, conforme demonstrou Granovetter (1973). A força dos vínculos tem relação com o tempo que é destinado a eles, com a intensidade das emoções associadas, com a intimidade estabelecida e com a reciprocidade dos serviços prestados. Segundo Granovetter (1973), quanto mais similares os indivíduos forem, mais fortes serão os laços que os conectam. A possibilidade de articulação desses dois tipos de vínculos de forma conjunta e sistemática é uma das potencialidades da análise de redes sociais.

São múltiplos os espaços pelos quais os indivíduos circulam e, por consequência, há uma multiplicidade também de laços que pode ser desencadeada, pois todos os indivíduos podem ser identificados como ponto de um feixe de pressões que emanam de diversas direções, o que reflete também a inserção dos indivíduos em diferentes redes de relações sociais (WHITE, 2008), podendo ao mesmo tempo estabelecer laços que formam redes familiares, redes institucionais, dentre outras.

A inserção do indivíduo em um conjunto diverso de redes de relações sociais não significa apenas um conjunto de laços instrumentais que implicarão de alguma forma na vida dos indivíduos, pois os laços trazem consigo histórias e, nesse sentido, eles podem ser

entendidos como ilhas de significados, que moldam as preferências individuais e as percepções que levam a determinadas posturas sociais, podendo assim influenciar nas decisões tomadas pelos indivíduos (PASSY, 2003). Além da existência dos laços, são importantes o conjunto de informações que circula nesses laços, a maneira como foram produzidos e suas implicações a partir do contexto de produção na trajetória dos indivíduos.

Essas redes sociais repletas de significados possuem uma dimensão socializadora. Entretanto, para Passy (2003), a socialização é realizada durante a própria ação, e não necessariamente se constitui uma rede socializadora para que depois determinada ação possa ser efetivada. Assim, ao mesmo tempo em que as redes socializam o indivíduo, a socialização permite a construção de novos vínculos com seus significados, que oportunizarão novas formas de socialização; tudo isso ocorre em um processo contínuo.

Os processos constantes de socialização ajudam na constituição do indivíduo enquanto tal. Segundo Lahire (1997), os traços que cada indivíduo desenvolve nos diferentes momentos de sua vida estão imersos em relações sociais provenientes de uma socialização anterior e da forma como as próprias relações sociais mobilizam e atualizam esses laços construídos pelos indivíduos. Portanto, os traços da personalidade ou do comportamento dos indivíduos são entendidos à medida que ocorre uma reconstituição dos tecidos de imbricações sociais com os outros.

E é unicamente quando não esquecemos que as condições de existência são antes de tudo *condições de coexistência* que podemos evitar todas as reificações destas condições de existência em forma de propriedades, de capitais, de recursos abstraídos (das relações sociais efetivas). Essas propriedades, capitais ou recursos não são coisas que determinam o indivíduo, mas realidades encarnadas em seres sociais concretos que, através de seu modo de relacionamento com a criança, irão permitir progressivamente que constitua uma relação com o mundo e com o outro (LAHIRE, 1997, p. 18).

Na concepção teórica e empírica de Lahire (1997), as redes de interdependência familiar são a base para a construção dos esquemas de percepção que permitem a compreensão do comportamento escolar, objeto de estudo desse autor.

Identificar diferentes redes nas quais os jovens estão situados aponta para o caráter plural não só do indivíduo, mas também das relações nas quais ele está imerso, isto é, nos processos de socialização. Portanto, as redes de relações são indissociáveis da socialização.

Segundo White (2008), as relações são delineadas pelas histórias que são contadas internamente e ao redor das mesmas. Essas histórias podem ser caracterizadas como um laço moldado pelo contexto, com significados que surgem de trocas entre *netdoms*. Para o autor, *netdom* é uma junção entre a rede social e o domínio cultural, os quais se fundem em tipos de laços que produzem um conjunto de histórias e um sentido próprio de determinada

temporalidade. Cada rede está associada a um conjunto de histórias contextualizadas em um período. As relações sociais que são produzidas o são por meio do cruzamento entre as redes de relações e um conjunto de histórias, as quais são construídas como domínios de interações discursivas (*netdoms*).

Identificar redes, segundo White (2008), não pressupõe um caminho linear no qual simplesmente são identificados nós expressos diretamente, pois, para além disso, as redes podem ser identificadas por meio da observação de gestos, de ruídos, de olhares; enfim, de todo o contexto que circunda a história em análise. Isso indica que uma rede de relações pode ser verificada também sem a evidência do discurso, pois ela tem múltiplas facetas que podem ser identificadas por outros meios como os mencionados.

A existência de um grupo bem delimitado não é critério para a definição de redes sociais, pois elas consistem em uma abstração científica, que se apresenta como um elemento que facilita a descrição de relações complexas em um determinado espaço social. Além disso, os indivíduos têm consciência sobre as redes nas quais estão inseridos e elas são aquilo que os indivíduos entendem que elas sejam, e não estruturas ocultas a serem descobertas pelo método de investigação.

A maneira pela qual os indivíduos entendem as suas redes é o que as define e orienta e o seu uso social cotidiano, o que obtemos pelo método baseado nos dados cognitivos é realmente o que é importante para a reprodução das condições sociais dos indivíduos (MARQUES, 2010, p. 21).

Quando a mobilização das redes é analisada pelos indivíduos, identifica-se que, por trás da heterogeneidade do fenômeno, estão muitas regularidades associadas à operação de mecanismos sociais. São esses mecanismos que podem explicar grande parte da heterogeneidade das redes em si, além de, no exemplo deste estudo, ajudar a compreender como ocorre a motivação para o ingresso e a permanência na EJA.

### **Escolarização e redes de relações sociais**

Os jovens analisados neste estudo foram entendidos considerando as suas relações com outras pessoas e instituições, e construiu-se a hipótese de que a influência dos vínculos estabelecidos com outros indivíduos é capaz de orientar o processo de (res)sociação escolar dos estudantes investigados. A indicação de tipos de redes de relações sociais carrega consigo a ideia de que há pressões sociais que exercem influência sobre os indivíduos, e é através do desvelamento dessas pressões e vínculos que será possível conhecer o indivíduo e compreender os caminhos seguidos por ele ao longo da sua trajetória de vida.

Embora as redes sociais identificadas possuam características e configurações distintas, elas atuaram de alguma forma sobre as trajetórias de vida, influenciando o retorno ou a permanência dos jovens na escola. No decorrer da identificação das tipologias, foram observados os laços (vínculos) ativados pelos jovens e que de alguma maneira influenciaram o processo de escolarização.

As redes sociais identificadas nos dezesseis casos estudados foram decisivas para o retorno ou para garantir a permanência dos jovens na escola. As redes familiares, institucionais, orientadas por projetos e orientadas por laços de amizade – constituíram-se através de tipos diferenciados de laços configurados com outros indivíduos, mais próximos ou não, formando laços fortes ou fracos. Os laços identificados por meio das trajetórias de vida dos jovens foram possíveis através de relações que se estabeleceram no âmbito da família, das amizades, das instituições ou, ainda, em espaços variados, mas que levaram os jovens a construir projetos de vida. Em cada uma das redes, foram apontados nós com os quais foram estabelecidos vínculos específicos que permitiram a inserção dos jovens em determinadas redes sociais, conforme sintetizado no Quadro 1.

Quadro 1 - Atributos pessoais, nós e redes de relações sociais dos jovens estudantes da EJA entrevistados

Jovem	Sexo	Idade	Estado civil	Filhos	Ocupação	Nós da rede	Escolaridade dos indivíduos que representam os nós	Tipos de rede	Recursos
Jovem A	Masc.	24	União estável	2	Mecânico de carros	Desembargador	Curso superior	Redes orientadas por projetos	Desejo, incentivo, informação, admiração
						Corretor imobiliário	Curso superior		
Jovem B	Fem.	29	Casada	1	Auxiliar de creche	Amiga incentivada a procurar emprego na creche	Ensino Médio	Redes orientadas por projetos, Redes familiares, Redes institucionais, Redes orientadas por laços de amizade	Desejo, suporte em casa, exigência, incentivo, constrangimento
						Local de trabalho – creche	Graduação e Ensino Médio		
						Marido (apoio)	Ensino Fundamental		
Jovem C	Fem.	20	Solteira	-	Manicure	Mãe	Ensino Médio	Redes familiares, Redes orientadas por laços de amizade	Constrangimento, pertencimento, incentivo
						Namorado	Cursa nível superior		
						Amigos (do namorado)	Cursam nível superior		
						Pai e madrasta do namorado	Curso superior		
Jovem D	Masc.	20	União estável	-	Auxiliar administrativo	Pai	Ensino Fundamental incompleto	Redes familiares	Cobrança
Jovem E	Masc.	23	Solteiro	-	Área de informática	Namorada	Pós-graduação	Redes orientadas por projetos, Redes familiares	pertencimento, desejo
						Pais	Ensino Médio		
						Grupo dos jogos	Formações variadas		
Jovem F	Fem.	29	Solteira	-	Faxineira	Chefe	Curso superior	Redes institucionais, Redes familiares, Redes institucionais, Redes orientadas por laços de amizade	Incentivo, informação, apoio
						Colegas de trabalho	Ensino Médio		
Jovem G	Fem.	55	Divorciada	4	Desempregada	Amiga e colega de aula	Ensino Médio incompleto	Redes institucionais, Redes familiares, Redes institucionais, Redes orientadas por laços de amizade	Incentivo, informação, apoio
						Filha	Nível superior		
						Filhos	Ensino Fundamental e Médio incompleto		
						Professores (escola)	Nível superior		
Jovem H	Masc.	17	Solteiro	-	Atleta	Clube de futebol: colegas atletas e assistente social	Ensino Médio incompleto e Curso superior	Redes institucionais, Redes familiares	Exigência, cobrança
						Família (Pais)	Fundamental incompleto		

<b>Jovem I</b>	Fem.	18	Solteira	-	Desempregada	Avós	Pós-graduação	Redes familiares, Redes orientadas por laços de amizade	Exemplo, admiração, incentivo
						Tios	Curso superior e pós-graduação		
						Amigos	Nível médio e superior		
<b>Jovem J</b>	Fem.	29	União estável	1	Desempregada	Igreja (Pastor)	Nível técnico	Redes institucionais, Redes familiares	Exemplo, Informação, incentivo
						Professores	Curso superior		
						Marido	Nível técnico		
						Filho	Ensino Fundamental incompleto		
						Avó	Ensino Fundamental incompleto		
<b>Jovem K</b>	Masc.	29	Solteiro	-	Motorista	Professores	Curso superior	Redes institucionais	Incentivo
						Chefe	Ensino Fundamental		
<b>Jovem L</b>	Fem.	24	União estável	1	Desempregada	Pai	Ensino Fundamental incompleto	Redes familiares	Incentivo, cobrança, responsabilidade, constrangimento, admiração
						Marido	Ensino Fundamental incompleto		
						Primas	Nível médio e superior		
						Filho	Não estuda		
<b>Jovem M</b>	Fem.	25	Solteira	2	Desempregada	Irmão	Ensino Fundamental incompleto	Redes familiares, Redes institucionais	Responsabilidade, auxílio financeiro
						Filho	Não estuda		
						Escola	-		
<b>Jovem N</b>	Fem.	19	União estável	1	Desempregada	Mãe	Nível médio (curso técnico)	Redes familiares	Responsabilidade
						Filho	Não estuda		
						Avó	Ensino Fundamental incompleto		
<b>Jovem O</b>	Masc.	24	Solteiro	-	Desempregado	Igreja (fiéis)	Nível médio e superior	Redes institucionais, Redes orientadas por laços de amizade	Exemplo, Informação, incentivo
						Amigo (igreja)	Ensino Médio		
						Assistente social (Hospital)	Curso superior		
<b>Jovem P</b>	Masc.	19	Solteiro	-	Auxiliar de depósito de mercado	Exército (colegas e superiores)	Nível médio e superior	Redes institucionais, Redes familiares	Exemplo, constrangimento, admiração
						Pais	Cursa Ensino Médio - EJA		
						Namorada	Cursa Ensino Médio - EJA		

Fonte: Petró, 2015

Além dos nós e dos vínculos, foram identificados recursos que circulam em cada rede social a partir dos laços constituídos, que permitiram que as redes sociais operassem no sentido de influenciar o processo de escolarização dos jovens, conforme apresentado no Quadro 2. O conjunto de recursos é fundamental para que se possa compreender a influência que cada tipo de rede exerceu no processo de escolarização dos jovens estudados, pois são esses recursos que permitem identificar o conteúdo das redes e a forma como elas operam, tendo em vista cada contexto.

Quadro 2 - Recursos que circulam em cada tipo de rede de relações sociais identificada

<b>Redes familiares</b>	<b>Redes institucionais</b>	<b>Redes orientadas por projetos (desejo)</b>	<b>Redes orientadas por laços de amizade</b>
Exemplo	Informação	Informação	Informação
Incentivo	Exemplo	Admiração	Identidade
Cobrança	Incentivo	Incentivo	Constrangimento
Suporte em casa	Exigência	Desejo	Incentivo
Segurança	Recursos financeiros		Apoio
Inserção em novos contextos	Afeto (acolhida)		
Recursos financeiros	Reconhecimento		
Responsabilidade	Constrangimento		
Admiração	Admiração		
Constrangimento			

Fonte: Petró, 2015

Entre as formas mais consolidadas de se analisar a escolarização está presente a influência da família no acesso e na permanência à escola e no sucesso escolar (BOURDIEU, 1998; LAHIRE, 1997), mesmo que essa não seja uma relação determinante. As redes de relações sociais de caráter familiar foram analisadas a partir de uma aproximação com a noção de capital cultural (BOURDIEU, 1998). Em um primeiro momento, poder-se-ia afirmar que os jovens interiorizam um sistema de valores transmitido por suas famílias, valores esses que estariam atuando no sentido de garantir ou não a permanência na escola, a partir da herança dos seus familiares. Entretanto, o percurso de vida dos jovens analisados, em sua maioria, indicou que as suas famílias não dispunham de elevado capital cultural, sobretudo o institucionalizado. Isso poderia explicar os motivos pelos quais eles abandonaram a escola ou reprovaram muitas vezes, já que no universo familiar ao qual pertenciam a educação não estava presente na vida dos seus familiares mais próximos – pais ou irmãos.

Entretanto, fazer uma leitura somente considerando-se isso poderia levar a uma análise limitada. Os estudos desenvolvidos por Lahire (1997) apontam que não há uma linearidade na transmissão do capital cultural. Isso significa que ele pode existir e não ser



passado uniformemente a todos os membros da família ou, ainda, ele pode não existir de forma objetivada ou institucionalizada, mas as famílias podem conseguir passar um valor relacionado à escolarização, o que pode funcionar como um incentivo para que os jovens prossigam os estudos mesmo que os demais membros da família tenham baixa escolaridade. Essas variações retiram um possível determinismo que poderia ser associado a essa teoria em uma primeira leitura. É nessa linha também que seguem os estudos de Neves (2013) sobre o acesso de estudantes cotistas e bolsistas à universidade, indicando que, muitas vezes, os estudantes contemplados por essas políticas públicas são os primeiros da família a alterarem o quadro de baixo capital escolar que se reproduzia na família e eles passam a atuar como incentivadores para que outras pessoas da família busquem o Ensino Superior.

As **redes familiares** operam de modos distintos tendo em vista a forma como circulam os recursos nas redes (Quadro 2). Esse tipo de rede foi formado por vínculos estabelecidos com pais, avós, tios, irmãos, primos, marido, namorado e filhos. Esses vínculos não se manifestaram de forma homogênea, tampouco tiveram o mesmo tipo de influência sobre a trajetória de vida dos jovens. Enquanto no caso da Jovem I a relação com os avós funcionava como um exemplo de um percurso de vida marcado pela escolarização e na trajetória do Jovem P os pais retomaram os estudos com os filhos, em outros casos analisados (Jovens L, G e C), a relação estabelecida com os pais estava mais voltada ao incentivo verbal de que eles poderiam ter uma vida melhor que a dos próprios pais caso estudassem (LAHIRE, 1997). Nesses últimos casos apontados, a escolaridade dos pais, em geral, era baixa. A cobrança dos pais que algumas vezes ocorre para que os jovens estudem também é um dos recursos que possibilitam a operacionalização das redes familiares (Jovens D, H e L).

As redes familiares possuem uma capacidade muito significativa de influenciar o retorno e a permanência na escola, e são capazes de dar suporte para que a decisão dos jovens de prosseguir os estudos seja sustentada. Isso ocorreu quando as jovens possuíam companheiros e filhos (Jovens B, J e L) e precisavam de auxílio para cuidar da casa e dos filhos enquanto estudavam. Nos casos em que o marido foi identificado como um laço importante para garantir a frequência escolar, ele apareceu como um suporte, alguém que não possuía escolaridade alta, mas incentivava e operacionalizava uma rotina no âmbito da casa e do cuidado com os filhos a ponto de permitir que a companheira estudasse. Em situações em que membros da família se fazem presentes e atuantes no auxílio para que

os jovens possam estudar, há um sentimento de segurança que facilita a permanência na escola.

Os casos em que o(a) namorado(a) foi apontado(a) como um nó foram diferentes destes anteriores, pois, nessas circunstâncias, eles (o namorado da Jovem C e a namorada do Jovem E) estudavam já no nível superior ou na pós-graduação e tanto suas rotinas ligadas aos estudos quanto seus contatos com outras pessoas de escolaridade mais elevada geravam conversas sobre assuntos específicos; nessas situações, poderia haver uma inserção maior da Jovem C e do Jovem E caso eles também estivessem estudando. Ainda no âmbito desse tipo de vínculo, ocorreu de os namorados colocarem seus parceiros em contato com outras pessoas com escolaridade maior; essa inserção em novos contextos também ajudou a construir a necessidade de retorno à escola para uma melhor sensação de pertencimento dos jovens nesse novo contexto (Jovens E e C).

Os filhos apareceram como vínculos fortes, exercendo significativa influência na retomada dos estudos (Jovens L, M e N). As jovens atribuíram a eles a razão pela tomada de decisão, tendo em vista a garantia de prover um futuro melhor para eles. Essas mães desenvolveram um sentimento de responsabilidade em relação ao futuro dos filhos e entendiam que o fato de elas estudarem poderia garantir a eles uma vida melhor. Por mais que outros vínculos também as tivessem incentivado a retomar os estudos, foi o nascimento dos filhos o ponto chave para tal atitude. Essa iniciativa, em algumas situações, foi sustentada por outros vínculos estabelecidos com pais, avós e marido. No caso da trajetória de vida da Jovem G, a influência dos filhos ocorreu de modo diferente, pois eles diretamente pediam que ela retomasse os estudos e, no momento em que ela ficou desempregada, eles a auxiliaram financeiramente.

Além dos vínculos familiares que atuaram como apoio nos casos já apontados, existiu ainda um tipo de laço estabelecido com parentes com alguma proximidade que mantinham uma trajetória escolar constante ou tinham níveis mais altos de escolarização. A relação com os indivíduos que representam os nós que constituem esses vínculos foi mediada por algum tipo de constrangimento ou de admiração; como, por exemplo, o que aconteceu com a Jovem L, que via suas primas estudando e sentia-se em uma situação desconfortável, até mesmo porque era cobrada pelo pai por não seguir os estudos da mesma maneira que as primas. Um exemplo de admiração foi visto no caso da Jovem I que tinha esse sentimento em relação à trajetória de vida dos seus tios marcada pela escolarização.

No âmbito das redes de relações familiares, os laços estabelecidos com os pais, os avós, os companheiros e os filhos apresentaram-se como laços fortes, sobretudo em decorrência da proximidade entre eles, do tempo maior que orienta a relação, da segurança representada pelos pais, avós e companheiros e do sentimento de responsabilidade com o futuro dos filhos. Assim, classifica-se esse modelo de relação como laços fortes e com influência forte no processo de escolarização. Em geral, os vínculos constituídos com os outros membros da família (primos e tios) podem ser classificados como laços fortes com influência fraca, especialmente, porque o contato com eles era esporádico, mesmo sendo membros da família, e também porque circulava um número menor de recursos por entre os vínculos. Nos casos estudados, identificou-se, na relação com os primos, os recursos denominados como constrangimento e admiração. A influência, no caso dos primos, ocorreu mais por intermédio dos pais que os comparavam e também pelo desejo se parecerem com eles. A relação da Jovem I com os tios também pode ser classificada com um laço forte de influência fraca, pois os tios apenas complementavam a postura que os avós tinham, atuando como um exemplo para a Jovem.

Nas relações de caráter familiar, foram encontradas as seguintes situações que deram sentido para que os vínculos familiares exercessem algum papel no retorno ou na permanência na escola: a) familiares com percursos escolares longos, os quais foram apontados como exemplo para que os jovens continuassem estudando; b) pais que retomaram os estudos junto com os filhos, incentivando-os a dar continuidade ao processo de escolarização; c) pais com pouca escolaridade e que insistiam para que os filhos estudassem, visando a uma vida diferente e melhor; d) maridos com baixa escolaridade que atuavam como um suporte para que as esposas pudessem estudar, sobretudo quando já tinham filhos; ou ainda relações entre namorados em que um membro do casal estava estudando e incentivava o outro ou inseria o parceiro em um círculo onde os estudos estivessem presentes; e e) filhos que, a partir do momento em que nasceram, suscitaram nas mães o desejo de possibilitar uma vida melhor e elas enxergaram esse caminho através do aumento da escolaridade.

Tradicionalmente, a família foi vista como um fator de grande influência no acesso à escola e no desempenho escolar, especialmente nos estudos desenvolvidos por Lahire (1997). A socialização familiar continua sendo um elemento-chave para o processo de escolarização dos jovens, conforme os casos estudados comprovam. Mesmo

que a família disponha de pouco capital cultural, ela é capaz de engendrar situações que incutem nos jovens um sentimento de que é necessário estudar para ter uma vida melhor ou para propiciar isso aos seus descendentes.

As **redes institucionais** são outro tipo de rede social importante para o processo de socialização escolar. A sociabilidade desenvolvida em ambiente institucional tende a ser mais valiosa quando concebida em termos relacionais (MARQUES, 2007). Os vínculos estabelecidos com determinadas instituições são de natureza forte e, em geral, exercem uma influência significativa na vida dos jovens, pois, muitas vezes, eles estabelecem uma relação de dependência com essas instituições, sobretudo quando são relacionadas ao campo do trabalho, embora não se reduzam a ele. Entre as instituições indicadas pelos estudantes, podem ser apontadas a escola, a igreja e o local de trabalho. As instituições propiciam a construção de vínculos entre os jovens e outros indivíduos. Os vínculos podem ser construídos diretamente em decorrência da função que os indivíduos exercem na instituição; em outros casos, a relação não é direta, mas propiciada pelo espaço da instituição.

Os laços com a escola se desenvolveram de forma bastante significativa, pois, em geral, quando os jovens se sentiam acolhidos pela escola e se viam reconhecidos nesse espaço, havia uma segurança maior para lá permanecer. Todos os jovens entrevistados manifestaram que se sentiam muito bem na escola, na relação com os professores e com os colegas. Era comum que eles avaliassem essa relação de forma muito diferente da que tinham com a escola regular, antes de ingressarem na modalidade EJA.

Nos casos em que as redes institucionais estavam relacionadas com a escola, os nós da rede dos jovens foram especialmente os professores. Quando a instituição a que se refere a rede social é a própria escola circulam recursos importantes como a acolhida que a escola pode apresentar aos jovens, muitas vezes de maneira afetuosa, permitindo que eles se sintam inseridos no espaço escolar e também reconhecidos como seres humanos capazes de construir projetos e uma trajetória de vida considerada de sucesso. Foi possível evidenciar casos em que alguns jovens que estavam estudando no nível fundamental atribuíram o fato de continuarem os estudos no Ensino Médio ao incentivo realizado pela escola onde cursaram o Ensino Fundamental (Jovens G, K e J) e também às informações proporcionadas pela escola sobre como encontrar outra instituição de ensino (Jovens J e K).

Outro tipo de recurso que se mostrou importante foi a ajuda financeira que alguns estudantes recebiam por frequentar escolas que tinham programas específicos como o PROEJA e a assistência estudantil. Isso, muitas vezes, era o que permitia ao estudante o deslocamento até à escola e também a sua subsistência (Jovem N).

As trajetórias escolares são plurais e os jovens estão inseridos em diferentes contextos. Portanto, dificilmente o retorno e a permanência do jovem na escola devem-se apenas aos laços estabelecidos com a escola. A relação com a escola pode sofrer influência de fatores externos a essa instituição, por exemplo, as necessidades econômicas que os estudantes podem enfrentar, as dificuldades para o deslocamento até a escola, os compromissos familiares, dentre outros motivos. No entanto, há indicações de que laços estreitos com a instituição escolar podem dificultar a interrupção dos estudos, sobretudo quando os estudantes se sentem mais identificados com a escola e mais acolhidos pelos professores e demais funcionários, podendo recorrer a eles para conversar e tentar resolver suas dificuldades cotidianas.

Nesse sentido, poder-se-ia dizer que apenas um tipo de rede pode não ser suficiente para garantir a permanência do jovem na escola, mas a presença de diferentes redes de relações sociais pode ser muito mais eficaz para cumprir com essa tarefa, porque esse conjunto de redes pode exercer pressões em diferentes esferas da vida do jovem, isto é, no âmbito das instituições, da família, das amizades e dos projetos.

A socialização religiosa também apresentou-se como um elemento importante para a continuidade dos estudos. A narrativa do Jovem O apontou para a importância de instituições como a igreja para a construção de vínculos capazes de inseri-los em novas relações, como as de trabalho e de estudo. Isso se deu através do incentivo e da ajuda para a elaboração de projetos de vida, além do exemplo de outras pessoas que possuíam trajetórias marcadas por uma escolarização maior ou por uma rotina que incluía os estudos. Além disso, ainda foi evidenciada a circulação de informações que permitiam a inserção dos jovens em outros espaços, por exemplo, o contato com a escola, como ocorreu no caso do Jovem O.

Os vínculos estabelecidos a partir das instituições permitem a circulação de informações, o que pode gerar benefícios aos jovens, tais como o acesso a empregos, informações sobre cursos e o interesse pela continuidade da escolarização. Dessa forma, o capital social ao qual os jovens têm acesso é adquirido a partir das redes de relações

estabelecidas. Conforme Bourdieu (1998), para a circulação do capital social, as redes devem possuir um caráter durável e útil.

Ainda em relação às redes institucionais, o local de trabalho apareceu como um espaço bastante significativo para o estabelecimento de vínculos que formam redes capazes de reforçar a relação do jovem com a escola, sem ignorar, conforme já apontado, que o trabalho também foi um dos fatores mais presentes quando se tratava de abandonar a escola. Foi possível identificar que o trabalho pode contribuir de quatro formas para o retorno ou para a permanência na escola: a) por meio da necessidade de estudar para se manter no emprego; b) para melhorar de posição no emprego; c) para mudar de emprego e d) pelo exemplo dos colegas que estudam.

Ainda no âmbito do local de trabalho, há uma mescla de incentivo e cobrança para a continuidade dos estudos que parte de chefes ou de colegas que ocupam uma posição hierárquica superior. A exigência foi evidenciada em situações em que para permanecer no emprego era fundamental que os jovens continuassem estudando (Jovens H, K e B). A situação de incentivo ficou mais evidente em trajetórias como a da Jovem F que era motivada pelo chefe e pelos colegas para concluir o nível médio e, assim, tentar uma função melhor que a exercida atualmente (faxineira).

Em diferentes instituições, como o ambiente de trabalho e a igreja, os jovens estabelecem vínculos com colegas ou conhecidos que passam a servir de exemplo para que eles retomem ou prossigam os estudos. Esse tipo de recurso que circula nas redes institucionais é avaliado aqui como importante para que os jovens estudem, porque esse exemplo os incentiva e também faz com que eles não queiram se sentir inferiores aos colegas, por terem uma escolaridade menor. A relação com os colegas pode ainda levá-los a ter acesso a informações relacionadas à escola e a cursos que eles podem fazer.

Os laços construídos no âmbito das instituições são considerados laços de natureza forte e também exercem influência forte na escolarização dos jovens, porque são estabelecidos contatos frequentes e duráveis, e o peso que as instituições identificadas exercem na vida dos jovens é bastante significativo, sobretudo quando estão relacionadas ao trabalho. O emprego que os jovens possuem, muitas vezes, depende do prolongamento da escolaridade, e a pressão exercida pelo local de trabalho colabora para a decisão de retomar os estudos. O vínculo com a escola também se apresenta de forma decisiva, pois as relações estabelecidas nesse espaço são fundamentais para que o jovem se sinta reconhecido, tenha vontade de frequentá-la e possa recorrer a professores e funcionários

quando necessário. Os laços desenvolvidos com a igreja também se mostraram eficientes para fornecer ao jovem informações que propiciaram um novo contato com a escola.

Também foram identificadas **redes orientadas por laços de amizade**. As relações de amizade geralmente exercem influência em diferentes esferas da vida e identificou-se que elas também desempenham um papel importante no prolongamento da escolarização dos jovens estudados. As redes de amizade influenciam quando os jovens têm, nos seus círculos de amizades, pessoas com escolaridade maior ou com rotinas ligadas à escola, assim, eles se sentem motivados a continuar estudando para se integrarem melhor com esses amigos. Em outras situações, a companhia de algum amigo estudando junto pode incentivar a retomada dos estudos.

Alguns vínculos com amigos constituíram-se de modo a impulsionar o desejo pela retomada dos estudos, dado o constrangimento sofrido pelos jovens que conviviam com amigos que possuíam um nível de escolaridade maior e não conseguiam se inserir nos assuntos relacionados à faculdade, por exemplo. Em determinadas situações, esses amigos com escolaridade maior incentivavam os jovens a voltarem para a escola, mas nem sempre isso era imediatamente acatado; inicialmente, esse tipo de abordagem dos amigos era vista como uma forma de constrangimento, mas foi com o passar do tempo que os jovens que participam desse tipo de rede começaram a querer se igualar aos seus amigos (Jovem B). Essa rede também foi capaz de despertar no jovem a vontade de voltar para a escola regular e seguir os estudos junto aos amigos que, além de serem incentivadores, tinham condições de auxiliá-lo quando necessário (Jovem I). Outra maneira de manifestação das redes orientadas por laços de amizade assumiu o caráter de apoio concreto do amigo quando este retomou os estudos junto à jovem, o que se apresentou como decisivo na situação em que a jovem não se sentia segura para voltar à escola sozinha (Jovem G).

As redes orientadas por laços de amizade operam de maneira significativa no que se refere ao processo de escolarização dos jovens na medida em que, nesse tipo de rede social, circulam informações, constrangimentos e também interesses relacionados à identificação dos jovens com os amigos. No interior dos seus grupos de relações, os jovens procuram ser o mais semelhantes o possível dos seus amigos. Em geral, as relações de amizade são marcadas por preferências e comportamentos próximos entre os amigos. Tendo isso em vista, identificou-se que os jovens que não frequentavam a escola se sentiam deslocados quando se relacionavam com seus amigos que estudavam, e isso

gerava constrangimentos que foram capazes de impulsioná-los a retomarem os estudos para conseguirem se inserir melhor nos assuntos dos seus grupos de amigos (Jovens B e C). Além dos constrangimentos que funcionaram como incentivo para o retorno à escola, nas redes orientadas por laços de amizade, também circulam informações que podem facilitar o acesso dos jovens à escola. Essas informações podem ser relacionadas a cursos, a locais onde podem estudar, a formas de acesso a instituições de ensino e também aos benefícios do prolongamento da escolarização (Jovens C e O).

As trajetórias de vida analisadas permitiram identificar que os vínculos que formaram as redes orientadas por laços de amizade também foram eficazes para orientar as decisões relacionadas à escolarização dos jovens. Os laços de amizade foram identificados como laços fracos, porque o contato dos jovens com os amigos era esporádico e, em muitos casos, as relações de amizade eram bastante recentes. A influência exercida por esses laços foi identificada como forte e também fraca, conforme o especificado a seguir. Os laços fracos com influência forte foram identificados na trajetória de vida da Jovem G, que efetivamente decidiu retomar os estudos quando teve o apoio e a companhia de uma amiga para frequentar a escola. Nos demais casos em que os jovens participaram de redes orientadas por laços de amizade (Jovens B, C, I e O) os vínculos foram fracos e de influência fraca. Mesmo assim, eles se constituíram como laços importantes em relação à escolarização dos jovens em decorrência do tipo de recurso que circulou por tais laços (informação, constrangimento, identidade) e também por estarem combinados com a inserção dos jovens em outras redes sociais.

Por fim, também foram identificadas as **redes orientadas por projetos**. Os vínculos presentes nesse tipo de rede são fundamentados na construção de projetos de vida. Optou-se por definir esse tipo de rede quando o projeto conduzia, de maneira mais clara, ao retorno à escola.

Compreender um indivíduo pressupõe conhecer seus anseios e os projetos que ele pretende realizar (ELIAS, 1995). No entanto, esses projetos não se constituem individualmente; eles dependem de experiências e do convívio com outras pessoas. Nessa tipologia, entende-se por projeto aquilo que clara e concretamente orienta o jovem a ter uma determinada postura que, no caso aqui em análise, é estudar, pois o que o jovem planeja para sua vida será resultado do estudo – o que não quer dizer que o projeto é resultado de um cálculo matemático ou fruto de um processo linear (DAYRELL, 2013).



Os projetos elaborados pelos jovens foram construídos a partir dos seus interesses e pelas condições propiciadas pelos seus contextos de vida. No caso das redes orientadas por projetos, estudar era uma etapa que permitiria chegar a um resultado que já estava sendo viabilizado pelo jovem. Isso não significa que não existiam pessoas que atuavam como incentivadoras nessa rede. Elas existiam e atuavam como nós que serviam de exemplo ou como incentivo para que o jovem pudesse alcançar aquilo que foi projetado, conforme pode ser evidenciado nas narrativas dos jovens sobre seus percursos de vida.

As redes orientadas por projetos operam de modo a auxiliar o jovem a organizar sua vida estabelecendo planos futuros, os quais pressupõem a passagem pela escola. O objetivo de alcançar uma determinada meta motiva o indivíduo a estudar. Todo esse processo foi possível porque, em determinado momento da vida, o jovem estabeleceu algum tipo de vínculo com pessoas que o despertaram para essa atitude de retomar os estudos. Observou-se, a partir das trajetórias de vida analisadas, que nas redes orientadas por projetos, a partir dos vínculos circulam informações que permitem aos jovens construir seus projetos de vida. Além das informações, outro tipo de recurso identificado nesse tipo de rede social foi a admiração a um *status* almejado pelo jovem e identificado na trajetória de vida das pessoas com quem o mesmo estabeleceu vínculos.

Os vínculos desenvolvidos no âmbito das redes orientadas por projetos são vínculos fracos, pois é recorrente que o contato mantido com os nós da sua rede seja esporádico. Além disso, em geral, existem diferenças significativas entre eles, por exemplo, econômicas e sociais, o que gera um distanciamento entre o jovem e a pessoa que simboliza o vínculo. A influência exercida por esses laços fracos pode ser forte ou fraca.

A trajetória de vida do Jovem A indicou que a influência desses laços fracos foi forte para a retomada dos estudos. Atribui-se essa influência ao tipo de recurso que circulou pelos vínculos, o que teve um impacto grande, pois o jovem tinha admiração pelo estilo de vida dos indivíduos que formavam seus vínculos. No percurso de vida do Jovem E a influência desses laços também foi forte, pois ele tinha a meta de ingressar na universidade e estava cursando o Ensino Médio para alcançar esse objetivo. Em outra situação (Jovem B), a influência desse laço foi fraca; os laços determinantes relacionados à continuidade dos seus estudos estavam ligados às redes familiares e institucionais.

No Quadro 3 há uma síntese sobre os tipos de laços e a influência dos mesmos sobre a escolarização dos jovens estudados.

Quadro 3 - Classificação dos laços conforme a natureza e a influência

	<b>Laço Forte</b>	<b>Laço Fraco</b>
<b>Influência Forte</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Redes familiares</i> - pais, avós, companheiro, filhos (Jovens B, C, D, E, G, H, I, J, L, M, N e P)</li> <li>- <i>Redes institucionais</i> (Jovens B, F, G, H, J, K, M, O e P)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Redes orientadas por projetos</i> (Jovens A e E)</li> <li>- <i>Redes orientadas por laços de amizade</i> (Jovem G)</li> </ul>
<b>Influência Fraca</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Redes familiares</i> - primos, tios (Jovem L e I)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Redes orientadas por projetos</i> (Jovem B)</li> <li>- <i>Redes orientadas por laços de amizade</i> (Jovens B, C, O e I)</li> </ul>

Fonte: Petró, 2015

As redes sociais não operam de forma homogênea sobre as trajetórias de vida. Em decorrência disso faz mais sentido olhar e diferenciar os tipos de laços – fortes ou fracos – e a sua atuação sobre as trajetórias. A literatura sobre redes de relações sociais apresenta diferentes tipos de laços que são construídos, tais como os laços fortes e os laços fracos descritos por Granovetter (1973). A importância que cada tipo de vínculo vai apresentar no que se refere aos rumos das trajetórias de vida depende do contexto em que ele é construído; em outras palavras, o que dá sentido aos laços são as histórias que criam e recriam os vínculos, que permitem aproximações, enfim, que em última instância dão significado às redes de relações sociais (PASSY, 2003; WHITE, 2008). Portanto, é preciso analisar as redes individualmente e, assim, identificar em cada contexto o que se apresenta como mais decisivo, conforme foi feito quando os laços fortes e fracos foram caracterizados e também a sua influência – forte ou fraca – tendo em vista o percurso de vida de cada jovem entrevistado.

As redes sociais concebidas como ilhas de significados (PASSY, 2003) dão forma para as preferências e percepções dos jovens, o que se constitui como base para a decisão de retomar ou continuar os estudos. Um vínculo, nesse sentido, pode se estabelecer de forma fraca, mas todo o conjunto de significados que o circunda é capaz de impulsionar a atitude. Mais uma vez toma-se como exemplo a trajetória de vida do Jovem A, que atribuiu o seu retorno à escola a pessoas com as quais ele estabeleceu laços, que em um primeiro momento eram muito frágeis, mas que se constituíram de forma bastante significativa, dado o conteúdo dessa relação e a identificação com o percurso de vida dessas pessoas.

A identificação inicial com uma pessoa ou um estilo de vida é a condição primeira para iniciar o processo que o levará a reestabelecer uma conexão com a escola;

ou seja, a função socializadora das redes (PASSY, 2003) engendrará uma disposição inicial para o retorno à escola. Passy (2003) afirma que redes de significados não têm a sua importância restrita a proporcionar ambientes que permitam conexões; elas também são importantes, pois criam uma estrutura de significados que ajuda a manter as pessoas envolvidas com aquilo a que se propõem. Isto é, após uma influência inicial das redes sociais, os indivíduos são capazes de seguir os rumos tomados.

Ao longo da vida, o jovem participa de diferentes contextos de interação social e tem contato com indivíduos, construindo vínculos que lhes permitem participar de determinadas redes sociais. Entre os vínculos estabelecidos há a circulação de recursos. O volume e o tipo de recurso que circula nos laços tem a capacidade de determinar o peso que cada rede social terá para influenciar a produção de motivações que será capaz de possibilitar a ressocialização dos jovens na escola.

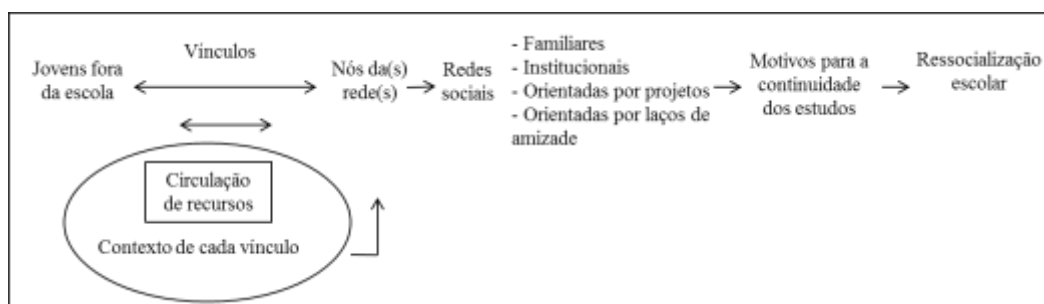


Figura 1 - Síntese do modo como operam as redes de relações sociais sobre a escolarização dos jovens

Fonte: Petró, 2015

As redes de relações são capazes de despertar nos jovens desejos de estabelecer projetos de vida e é a intensidade desses desejos e desses projetos de vida permitidos pelos laços que desenham a relação do jovem com a escola. Quanto mais bem estruturados forem esses projetos, mais intensa será a socialização do jovem com a escola. Os laços que formam as redes de relações sociais funcionam como mediadores entre os jovens e a escola, isto é, a inserção em determinados tipos de redes sociais pode produzir motivações que levam os jovens a prosseguir os estudos. Essa mediação permite uma socialização com o espaço escolar. Como aqui se trata da modalidade EJA, que significa um novo momento escolar na vida dos jovens, em geral marcado pelo retorno

ou pela tentativa de uma nova relação com a escola, poder-se-ia falar em ressocialização com o espaço escolar.

A análise das trajetórias de vida dos jovens indicou que raramente eles estão inseridos em apenas um tipo de rede social; a maioria dos jovens, em algum momento de suas vidas, estabeleceu muitos tipos de vínculos, o que permitiu classificá-los nas tipologias de redes identificadas. A construção dessas tipologias é conceitual, pois no mundo empírico elas se encontram mescladas, e juntas são capazes de tornar mais efetiva a decisão de retomar os estudos e permanecer na escola. Por meio das análises realizadas, percebeu-se que a imersão dos jovens em um número maior de redes sociais conduz a maiores chances de eles permanecerem na escola, pois serão pressionados em diferentes esferas da vida para continuar estudando, seja no âmbito da vida privada (família e amigos), seja no âmbito da vida pública (instituições). Nesse caso, mesmo que se considere que a importância de cada tipo de rede social depende da história que a constituiu, poder-se-ia dizer que, em alguma medida, a inserção nessas diferentes redes de relações sociais pode ser mais eficaz no que se refere à continuidade dos estudos.

A concepção de redes sociais trabalhada aqui é articulada à construção teórica de Lahire no que se refere ao caráter relacional das relações, pois os traços dos indivíduos não têm origem unicamente em si, mas são fruto do relacionamento entre o próprio indivíduo e alguma outra coisa ou pessoa. Nesse sentido, está reservada a importância do contexto, pois as disposições sociais e os esquemas de ação são ativados conforme o contexto e são relacionais. Portanto, as disposições não podem ser tomadas como algo universal.

Em função das pessoas com quem o indivíduo convive duradouramente (cônjuge, filhos) ou temporariamente (amigos, colegas, etc.), em função do lugar que ocupa na relação com essas pessoas ou em relação à atividade que desenvolvem juntos (dominante ou dominado, líder ou seguidor, responsável ou mero participante, envolvido ou não envolvido, competente ou não competente, etc.), o patrimônio de disposições ou de competências é submetido a forças de influências diferentes. O que determina a ativação de determinada disposição em dado contexto pode ser concebido como o *produto da interação entre (relações de) forças interna e externas*; relação de força interna entre disposições mais, ou menos, fortemente constituídas ao longo de socialização passada, e que são associadas a maior ou menor apetência, e a relação de força externa entre elementos (características objetivas da situação, que podem ser associadas a pessoas diferentes) do contexto que pesam mais, ou menos, fortemente sobre o ator individual, porque o forçam ou solicitam mais, ou menos, (por exemplo, as situações profissional, escolar, familiar, de amizade... são desigualmente impositivas para os indivíduos) (LAHIRE, 2004, p. 329-330).

O estudo permitiu identificar que a partir de um conjunto de disposições incorporadas, de processos de socialização e da inserção em redes de relações sociais, os jovens sentem a necessidade de obter um diploma escolar e, por isso, ingressam na EJA. Os indivíduos, conforme Lahire, constroem sua relação com o mundo a partir da internalização de propriedades, recursos ou capitais. Sendo assim, adota-se aqui a perspectiva de que para se compreender as trajetórias escolares dos jovens é necessário compreender as redes de relações das quais eles participaram ao longo de suas vidas. Conforme apontado, essas relações não se dão apenas no âmbito da família, mas também nas demais redes identificadas nesta pesquisa. Os vínculos estabelecidos pelos jovens têm importância maior ou menor conforme o contexto no qual se situam, tendo em vista que as propriedades de um contexto são infinitas (LAHIRE, 2004).

### Referências

- BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Institui a Lei Nacional de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 03 maio, 2011.
- BRUNEL, Carmen. **Jovens no ensino supletivo: reconstruindo trajetórias**. 2001. 210 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- CARRANO, Paulo. Educação de Jovens e Adultos e Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da “segunda chance”. **Revista de Educação de Jovens e Adultos**, Belo Horizonte, v. 1, p.57-67, ago. 2007.
- DAYRELL, Juarez. A juventude e suas escolhas: as relações entre projeto de vida e escola. In.: VIEIRA, Maria Manuel. RESENDE, José. NOGUEIRA, Maria Alice. DAYRELL, Juarez. MARTINS, Alexandre. CALHAS, Antônio. (Org.). **Habitar a escola e as suas margens: geografias plurais em confronto**. Portalegre: Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Educação, 2013.
- DURKHEIM, Emile. **Educação e sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

ELIAS, Norbet. **Mozart**: sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

GRANOVETTER, M. A. The strength of weak ties. **American journal of sociology**, Chicago, v.78, n. 6, p. 1360-80, 1973.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – 2012**. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/sinteseindicisociais2012/default\\_tab.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/sinteseindicisociais2012/default_tab.shtm)>. Acesso em: 20 jan. 2012.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares**: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

LAHIRE, Bernard. **O homem plural**: as molas da acção. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos**: disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LOMNITZ, Larissa Adler. **Cómo sobreviven los marginados**. México: Siglo Veintiuno, 2006.

LOMNITZ, Larissa Adler. **Redes sociais, cultura e poder**. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

LOZARES, Carlos. La teoria de redes sociales. **Papers**, Barcelona, n. 48, p. 103-126, 1996. Disponível em: <<http://seneca.uab.es/antropologia/jlm/ars/paperscarlos.rtf>> Acesso em: 25 jun. 2011.

MARQUES, Eduardo. **Redes sociais, segregação e pobreza em São Paulo**. São Paulo: Unesp; Centro de Estudos da Metrópole, 2010.

MARQUES, Eduardo. Mecanismos relacionais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 22, n. 64, p.157-161, 2007.

NEVES, Clarissa Eckert Baeta. Trajetórias escolares, famílias e políticas de inclusão social no Ensino Superior brasileiro. In.: ROMANELLI, Geraldo. NOGUEIRA, Maria Alice. ZAGO, Nadir (Org.). **Família & Escola**: novas perspectivas de análise. Petrópolis: Vozes, 2013.

PASSY, Florence. Social Networks and Individual Perceptions: Explaining Differential Participation in Social Movements. **Sociological Forum**, v. 16, n. 1, 2001.

PASSY, Florence . Social networks matter: but how? In.: DIANI, Mario. MCADAM, Doug. **Social movements and networks**: relational approaches to collective action. Oxford: Oxford University Press, 2003.

PETRÓ, Vanessa. **Educação de Jovens e Adultos**: como se constitui a influência das redes sociais no acesso e/ou na permanência dos jovens na escola? 2015. 211 f. Tese

(Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

RIO GRANDE DO SUL. Resolução nº 250, de 10 de novembro de 1999. Fixa normas para a oferta de Educação de Jovens e Adultos no Sistema Estadual de Ensino. **Conselho Estadual de Educação**. Porto Alegre, RS, 10 nov. 1999. Disponível em <<http://www.mp.rs.gov.br/infancia/legislacao/id3139.htm>>. Acesso em: 03 mai. 2011.

STEINER, Philippe. **A Sociologia Econômica**. São Paulo: Atlas, 2006.

WHITE, Harrison C. **Identity & control: how social formations emerge**. New Jersey: Princeton, 2008.